

Desenho Artístico



- ✓ A importância do desenho
- ✓ Materiais tradicionais e alternativos
- ✓ Vocabulário do desenho
- ✓ Descubra seu estilo

“

*A arte se faz com as mãos.
Elas são o instrumento da
criação, mas também o órgão
do conhecimento.*

Henri Focillon (1881-1943)

”



Teresa de Benguela, desenho de Mirabilis Jalapa

Desenho: a base de todo projeto

O desenho é a base de todo trabalho artístico. Se não está presente formalmente, o artista em algum momento o imaginou mentalmente antes de concebê-lo. Ou seja, o desenho, ainda que não esteja visível na obra de arte, está implícito. Sendo assim, o conhecimento do desenho é essencial para a produção artística. Até mesmo a atividade fotográfica lança mão do desenho, pois que é a base para uma boa composição.

Como vimos no fascículo anterior, o desenho se produz com pontos e linhas. A linha é o ponto em movimento. Ela corre como um rio percorrendo o papel – ou qualquer outro suporte – sem voltar. Assim, a linha é um caminho só de ida.

O iniciante deve treinar seu traço para que desenvolva destreza ao traçar as linhas com a

“

Buscar o desenho que ficou perdido na infância é um trabalho que exige coragem e humildade. fazer uma viagem em busca de seu próprio desígnio.

Ana Angélica Albano, arte-educadora

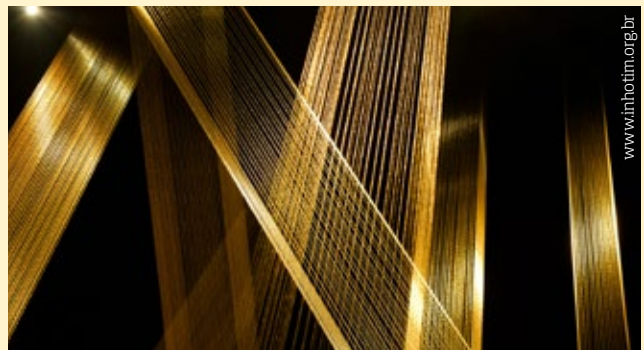
”

firmeza necessária para atingir seus objetivos. Não há outro caminho para treinar o traço senão com a prática diária.

Desenhos podem ser produzidos em qualquer suporte, bastando, para isso, ter o material adequado para cada necessidade. Hoje, contando com a facilidade do registro fotográfico, é possível perpetuar o desenho em qualquer suporte, por mais efêmero que seja!

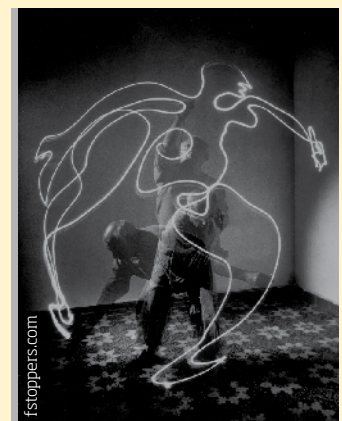
Até mesmo no ar é possível desenhar!

Veja esta instalação “Ttéia”, de Lygia Pape (1927-2004), no Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais. Composta por linhas paralelas douradas, formam um desenho no espaço.



Pablo Picasso (1881-1973), artista espanhol conhecido por idealizar o cubismo ao lado de Georges Braques, desenhou com luz, no ar, às cegas, realizando desenhos efêmeros que só puderam ser eternizados por meio da imagem fotográfica! Você já tinha pensado nessa possibilidade?

Veja Picasso criando outros desenhos com luz, [clique aqui!](#)



Geralmente, a criança para de desenhar no momento que conclui sua alfabetização. Por conta disso, a imensa maioria dos adultos desenha da forma de onde parou na infância, pois não continuou desenvolvendo as habilidades gráficas e motoras que o desenho exige.

Está nas mãos dos educadores permitir que a criança continue criando seu imaginário livremente por meio do desenho, de forma que dê vazão aos seus pensamentos, sem lhes impor

regras rígidas, pois se a criança perder o prazer de desenhar, vai se tornar um adulto com medo de se expressar por meio do desenho.

O desenho é uma maneira de organizar o pensamento. Sem o conhecimento do desenho, o ser humano tem uma ferramenta a menos para formular suas ideias e colocá-las em prática.

O desenho expandido

Para além das técnicas tradicionais com materiais artísticos, as escolas podem se beneficiar muito se, ao planejarem atividades de desenho, pensarem nessa linguagem de forma expandida, ou seja, de uma maneira mais ampla e aberta.

Desde a época das cavernas se desenha e, naquela época, já se utilizava o que estava disponível: os dedos, gravetos, folhas, provam que as ferramentas para desenhar podem ir além dos tradicionais materiais de arte.

Se pensarmos bem, tudo é desenho. Os fios dos postes da cidade são desenhos, as formas das plantas são desenhos, as fissuras de nossas mãos são desenhos, ou seja, toda a natureza ou tudo o que é construído pelo ser humano tem um desenho. Quando ativamos nossa percepção para essa questão, estamos nos deparando com o conceito de desenho expandido, que vai muito além da ideia do desenho clássico, ensinado nos cursos de arte.

A arte contemporânea assimilou muito bem o conceito do desenho expandido e nos ajuda a ampliar nossas possibilidades de olhar e fazer desenho. O trabalho artístico contemporâneo pressupõe experimentação e utilização de artefatos do cotidiano, oferecendo infinitas referências de desenho em suas formas mais amplas.



É possível conseguir resultados muito ricos e criativos com materiais alternativos. Qualquer material que produza linhas pode servir ao desenho. Por exemplo, barbante, um graveto ao riscar a areia, o enfileiramento de folhas de árvores ou pedras. Até mesmo no ar é possível desenhar com luz e registrar fotograficamente, como vimos acima com o artista espanhol Pablo Picasso.

Portanto, na sala de aula podemos tanto utilizar os materiais de arte tradicionais quanto criar novas ferramentas para o fazer artístico. Além disso, a pesquisa de materiais impacta positivamente os educandos, estimulando o protagonismo e despertando novos conhecimentos.



Vocabulário do desenho

“

Quando o desenho tira do intelecto a invenção de alguma coisa, precisa que a mão, mediante o estudo e o exercício de muitos anos, esteja apta a desenhar e a exprimir bem qualquer coisa criada pela natureza, seja com caneta, carvão, grafite ou outra coisa.

Georgio Vasari (1511-1574)

”

Para desenhar é preciso conhecer o vocabulário próprio do desenho, a fim de que se possa extrair o máximo de expressividade e afinidade com aquilo que foi concebido pela imaginação. Portanto, devemos saber que:

✓ A linha pode ser **modulada** em diferentes espessuras, de acordo com as necessidades, em um mesmo trabalho. A modulação da linha implica em peso, luz, movimento e harmonia no desenho.

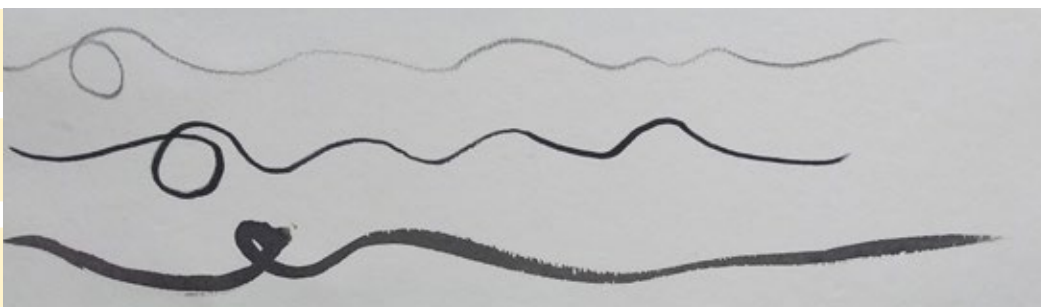


Ao lado: o artista brasileiro Cândido Portinari (1903-1962), desenhou Euclides da Cunha modulando as linhas. Acima: Albrecht Dürer (1471-1528), artista alemão, fez o retrato de sua mãe também modulando as linhas. As linhas mais espessas indicam sombra e as mais finas, luz. Onde há mais claridade, a linha vai sumindo, aos poucos.

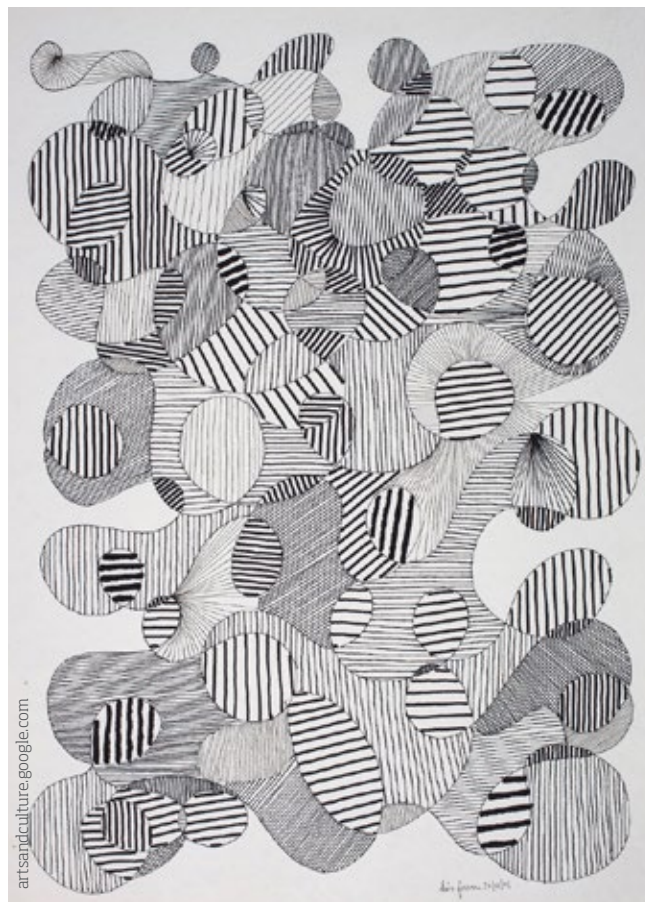
lápiz grafite 6B

caneta hidrocor pincel

pincel com tinta sumi



✓ A linha pode construir tramas, cruzadas ou não, que definem sombras, superfícies ou, em alguns casos, texturas. Às tramas de linhas damos o nome de **hachuras**. As hachuras podem ser certinhas, mantendo um traçado mais firme e paralelo, ou mais embaralhadas e livres, produzindo curvas que se entrecruzam.



Acima, à esquerda: Rembrandt (1606-1669) artista holandês, é conhecido por suas tramas embaralhadas. Acima, à direita: o trabalho de León Ferrari (1920-2013), artista argentino, nos mostra, além de linhas moduladas (de diversas espessuras), uma variedade de hachuras paralelas. Abaixo: a natureza morta de Giorgio Morandi (1890-1964), artista italiano, nos mostra como é possível agregar volume e luz aos objetos lançando mão do hachurado.



✓ O ponto também pode produzir desenhos, numa técnica que se convencionou chamar de **pontilhismo**. Muito utilizada em ilustrações científicas, a técnica do pontilhismo exige bastante paciência, já que o desenho é construído ponto por ponto!

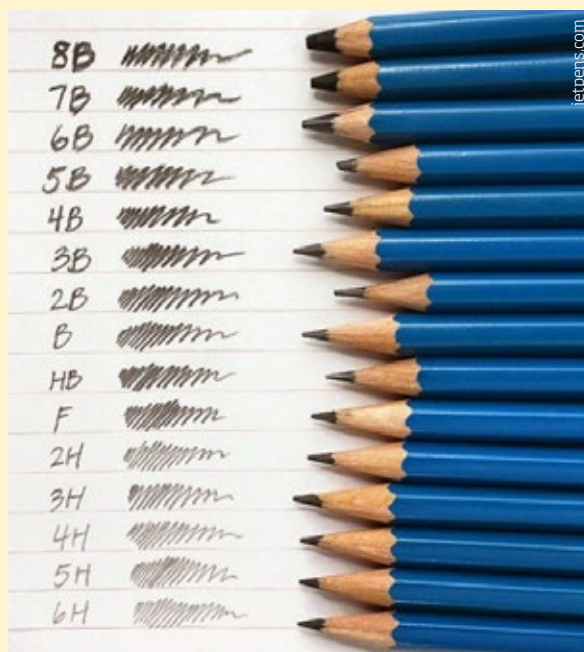


✓ O **sombreado** consiste numa técnica de pintar com o lápis, fazendo um degradé do mais escuro para o mais claro. Diferentemente da sombra construída com hachuras, o sombreado deixa as linhas imperceptíveis, permitindo uma passagem bem suave do escuro para o claro.



A técnica de sombreado exige um material bem macio para riscar. O *degradé* pode ser definido pela pressão da mão, determinando as regiões de claro e escuro, ou pela adição de camadas nas regiões onde se quer obter os tons mais escuros.

Após definido, o sombreado pode ser esfumado se o artista desejar. O lápis macio, por exemplo, permite o espalhamento do grafite pela superfície do papel com facilidade, usando os dedos, um pincel macio, um cotonete ou um instrumento específico chamado esfuminho.



Acima: os diferentes tipos de lápis grafite para desenho, do mais duro (6H) para o mais macio (8B).

Ao lado: Leonardo da Vinci (1452-1519) era um mestre na técnica do *sfumatto* e a empregava tanto no desenho como na pintura.



Cada um tem seu estilo

Para encontrar seu estilo, é preciso praticar o desenho. Só a prática determinará como cada um se sente mais à vontade para desenhar pois, como já vimos no fascículo anterior, o peso da mão, o gestual e até mesmo aspectos da personalidade, influenciarão no resultado. Pessoas mais pacientes podem produzir trabalhos mais minuciosos, que exigem mais etapas e tempo de execução. Pessoas mais ansiosas costumam obter resultados mais rápidos, de traçado ágil.

É preciso ter liberdade para explorar as possibilidades, pois só dessa forma é possível encontrar sua maneira pessoal de se expressar.

Não se compare com nenhum outro desenhista ou artista, pois além de não saber há quanto tempo o outro dedica para chegar naquele resultado, cada um deve descobrir seu próprio jeito de desenhar, pois isso é que torna a prática algo tão diverso e extremamente benéfico em termos de criatividade!



O gosto e as cores

Era uma vez um menino. Ele era bastante pequeno e estudava numa grande escola. Mas, quando o menino descobriu que podia ir à escola e, caminhando, passar através da porta ficou feliz. E a escola não parecia mais tão grande quanto antes. Certa manhã, quando o menino estava na aula, a professora disse:

- Hoje faremos um desenho.

- Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer desenhos. Podia fazê-los de todos os tipos: leões, tigres, galinhas, vacas, barcos e trens. Pegou então sua caixa de lápis e começou a desenhar. Mas a professora disse:

- Esperem. Ainda não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

- Agora, disse a professora, desenharemos flores.

- Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de desenhar flores. E começou a desenhar flores com seus lápis cor-de-rosa, laranja e azul. Mas a professora disse:

- Esperem. Vou mostrar como fazer. E a flor era vermelha com o caule verde.

Num outro dia, quando o menininho estava em aula ao ar livre, a professora disse:

- Hoje faremos alguma coisa com barro.

- Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de barro. Ele podia fazer todos os tipos de coisas com barro: elefantes, camundongos, carros e caminhões. Começou a juntar e a amassar a sua bola de barro. Mas a professora disse:

- Esperem. Não é hora de começar. E ele esperou até que todos estivessem prontos.

- Agora, disse a professora, faremos um prato.

- Que bom! Pensou o menininho. Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos. A professora disse:

- Esperem. Vou mostrar como se faz. E ela mostrou a todos como fazer um prato fundo. Assim, disse a professora, podem começar agora.

O menininho olhou para o prato da professora. Então olhou para seu próprio prato. Ele gostava mais de seu prato do que do da professora. Mas não podia dizer isso. Amassou o seu barro numa grande bola novamente e fez um prato igual ao da professora. Era um prato fundo.



Aquarela do artista alemão Emil Nolde (1867-1956)

E, muito cedo, o menininho aprendeu a esperar e a olhar, e a fazer as coisas exatamente como a professora fazia. E, muito cedo, ele não fazia mais as coisas por si mesmo.

Então aconteceu que o menino e sua família se mudaram para outra casa, em outra cidade, e o menininho teve que ir para outra escola.

No primeiro dia, ele estava lá. A professora disse:

- Hoje faremos um desenho.

- Que bom! Pensou o menininho. E ele esperou que a professora dissesse o que fazer. Mas a professora não disse. Ela apenas andava pela sala. Então, veio até ele e falou:

- Você não quer desenhar?

- Sim, disse o menininho. O que é que nós vamos fazer?

- E não sei até que você faça, disse a professora.

- Como eu posso fazer? Perguntou o menininho.

- Da mesma maneira que você gostar. Respondeu a professora.

- De que cor? Perguntou o menininho.

- Se todos fizerem o mesmo desenho e usarem as mesmas cores, como eu posso saber quem fez o quê e qual o desenho de cada um?

- Eu não sei, disse o menininho.

E ele começou a desenhar uma flor vermelha com caule verde.

BUCKLEY, Helen. *O gosto e as cores*. In: PERRENOUD. p. 79. Apud: Info-parents, fev. 1982, Bruxelas, p. 79.

Desenho de observação

O desenho de observação, como o próprio nome diz, é aquele baseado na observação concreta do mundo. O artista escolhe um tema do mundo visível, coloca-se frente a ele, e o observa para poder captar seus detalhes e passar para o papel.

Essa modalidade foi muito praticada durante o período do Renascimento, que pudemos apreciar no fascículo 3 do Curso de Introdução à Arte. Os artistas renascentistas procuravam conhecer a natureza por meio do desenho e, para isso, era preciso que a observassem com muita atenção, pois tinham o objetivo de reproduzi-la perfeitamente nas obras!

A tarefa exige concentração no tempo presente. O confronto com o objeto a ser representado no papel traz a necessidade de atenção plena, requerendo do praticante um constante estado de consciência, visto que é necessário a recorrente consulta do olhar sobre o modelo e, alternadamente, sobre papel onde o traço será realizado pela mão.

O traço deve ser treinado para que corresponda à imagem do objeto formada no cérebro. É preciso “amaciar” a mão para que o traço possa sair com desenvoltura em qualquer uma das direções exigidas pela visão. É a prática persistente e constante que solta a mão e aperfeiçoa o traço.



Carolina Lopes



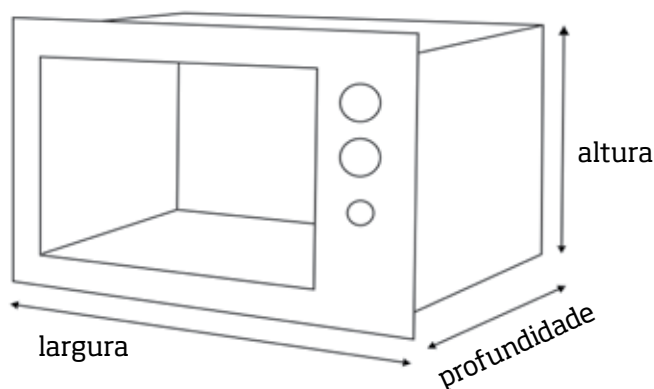
Carolina Lopes



Carolina Lopes

As imperfeições fazem parte do processo e ficam marcadas no papel, deixando em evidência os caminhos percorridos pela mão, com a missão de indicar a precisão de novos traços. Por isso, o trabalho sem ajuda da borracha faz parte das atividades.

A prática do desenho de observação acontece com objetos reais, tridimensionais, e não com reproduções ou fotografias de objetos. O desafio maior e mais produtivo para o iniciante é justamente elaborar as estratégias gráficas para passar as três dimensões que estamos enxergando com nossos olhos para as duas dimensões do papel. Portanto, para praticar, evite a cópia de imagens.



Acima: as três dimensões; ao lado: o papel tem duas dimensões. O desafio maior reside em encontrar a solução para transportar as três dimensões captadas pelo olhar para as duas dimensões do papel.



Desenho de memória

O desenho de memória, como o próprio nome sugere, é aquele que corresponde à alguma imagem guardada em nossa mente, uma lembrança. Nessa modalidade, procura-se registrar no suporte apenas a imagem que realmente ficou retida na memória, sem a consulta de nenhuma referência. Isso faz com que o desenho seja bem pessoal, auxiliando o iniciante a encontrar seu estilo próprio!

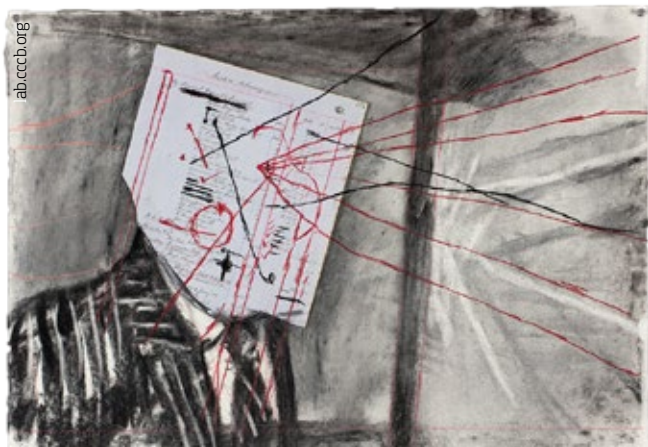
Essa memória pode ser recente ou não. Os desenhos feitos a partir de sonhos podem ser considerados de memória, uma vez que vivemos o sonho com intensidade e guardamos suas imagens na lembrança.



A aluna Resilaine, na época com 9 anos, fez esse desenho de memória da fachada de sua casa. Escola Municipal de Iniciação Artística - EMIA - CEU Jambeiro, São Paulo, 2003.

Desenho de imaginação

O desenho de imaginação refere-se à criação de uma imagem inédita, que pode ou não ter relação com o mundo real. O desafio é partir de algum tema, uma música, uma leitura, ou até mesmo ideias próprias para se inspirar para criar um desenho. No desenho de imaginação, tudo está para se construir.



William Kentridge (1955), artista sul africano, produz animações com seus desenhos surreais, alcançando, com isso, maior subjetividade nos temas reais abordados em sua obra, usando carvão, tinta nankim, técnicas de gravura, entre outros.



Essa é uma das páginas do *Codex Seraphinianus*, uma enciclopédia de quase 400 páginas sobre um mundo totalmente imaginário, explicado com um texto indecifrável, também inventado. São mais de mil desenhos feitos pelo artista e arquiteto italiano Luigi Serafini entre 1976 e 1978.



Com tesoura também se desenha

Recorte e colagem é uma outra modalidade de desenho que pode ser incorporada ao fazer artístico na escola, com excelentes resultados e baixo custo material. No caso, o desenho final é feito com a tesoura, o que obriga à uma prática saudável da coordenação motora.

Recortar, unir as peças numa composição e colar é, além de uma proposta estética, uma atividade lúdica e criativa: trabalha-se com desenho e cor ao mesmo tempo e é possível explorar outros aspectos plásticos como formas, texturas e diferentes materiais.

É possível usar revistas velhas, retalhos de papel colorido, papel reciclado, lãs coloridas e retalhos de tecidos, tornando a atividade sustentável! Até mesmo materiais naturais podem ser incor-

porados na composição, como folhas secas, cascas de árvore, entre outros descartes naturais!

E se não tiver tesoura em casa ou na escola, é possível atingir resultados maravilhosos rasgando papéis com as próprias mãos. Veja abaixo um exemplo, nessa colagem do artista sul-africano William Kentridge.



Alguns livros do acervo IBS ilustrados com recorte e colagem

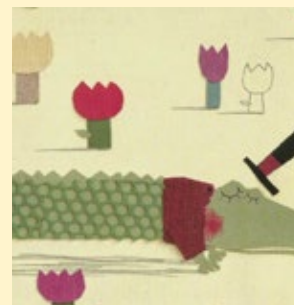


O monstro das cores

Escrito e ilustrado por Anna Llenas com desenhos que remetem às garatujas infantis e recortes com materiais muito simples, como papelão.

E o dente ainda dói

Ana Terra, autora e ilustradora desse título, usa recortes de diferentes materiais e texturas para produzir as colagens do livro.



Malala: a menina que queria ir para a escola

Bruna Assis Brasil, que ilustrou a obra de Adriana Carranca misturou recortes de fotos e desenhos para produzir as ilustrações desse livro.



Encontrando seu estilo



*A perfeição da forma não existe, isto é, toda forma é perfeita quando é criada.
A perfeição da forma depende então da personalidade do artista, e isto é tudo.*

Lionello Venturi (1885-1961), historiador de arte italiano



Após os exercícios da plataforma, você já deve ter percebido algumas afinidades com materiais, com a maneira de traçar as linhas ou sombrear as formas - se gosta ou não de sombrear formas - ou até mesmo se você prefere desenhar com um lápis, um pincel ou simplesmente recortando.

Apegue-se à técnica com a qual encontrou maior afinidade, ao jeito de desenhar que melhor se adaptou ao que você quis expressar. E então, a partir daí, será necessário apenas que coloque em prática sua vontade, suas ideias e sua imaginação por meio do desenho!

Perceba como esses dois artistas tinham estilos diferentes ao desenhar as árvores de observação!



As árvores do famoso artista holandês Vincent Van Gogh revelam traços parecidos com suas pinceladas.



As árvores de Piet Mondrian, outro artista holandês, foram a inspiração para suas abstrações geométricas.



Desenho de observação em Tamboril, Ceará



Desenhando com estilete em Irecê, Bahia



Referências bibliográficas



CABALLO, Ignacio. *Educación sentimental*. In.: MOLINA, Juan José Gómez (coord.). *Las lecciones del dibujo*. Madrid: Cátedra, 2003.

CABEZAS, Lino. *Los arrepentimientos*. In.: MOLINA, Juan José Gómez (coord.). *Las lecciones del dibujo*. Madrid: Cátedra, 2003.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2010.

RUDEL, Jean. *A técnica do desenho*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

VIANNA, Maria L. R. *Desenhando com todos os lados do cérebro: possibilidades para transformação das imagens escolares*. Curitiba: Ibplex, 2010.

Referências na Internet

BERMINGHAM, Kate. *The mindfulness of drawing: finding focus and calm through the art of drawing*. Disponível em: <www.mindful.org/the-mindfulness-of-drawing>. Acesso em: 15/09/2020.

FOCILLON, Henri. *Elogio da mão*. Revista Serrote. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2012/03/elodiadamao_07.pdf>. Acesso em: 02/11/2020.

FOXTON, Paul. *Why drawing is a kind of meditation*. Disponível em: <www.learning-to-see.co.uk/drawing-as-meditation>. Acesso em: 15/09/2020.



Desenho de observação em Quatipuru, Pará

Agradecimentos



Desenhos em Primavera, Pará

Ana Maria de Matos Viegas

Carmélia Menezes

Diogo Salles

Gabriela Martins

Gabriela Rosário Gomes

Karla Cristina Silva

Rociana Barreto Cavalcante

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br